

## O ENSINO DE GEOGRAFIA A PARTIR DE PRÁTICA DE ENSINO INTEGRADA AO MEIO E À COMUNIDADE

Maria Eduarda Viana Demos<sup>1</sup>  
Maria Helena Lenzi<sup>2</sup>  
Orlando Ferretti<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho relata uma prática de ensino que integra estudos acadêmicos ao meio ambiente e à comunidade. A prática foi desenvolvida na disciplina de Análise Ambiental II, do curso de Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, durante o segundo semestre de 2024. A proposta dos professores consistiu na elaboração de um caderno educativo e de um zoneamento ambiental para o espaço comunitário conhecido como Bico da Ponte, localizado no bairro José Mendes, próximo ao centro da cidade de Florianópolis/SC. O objetivo principal foi realizar um levantamento de dados e informações sobre o meio ambiente no bairro José Mendes, com foco específico no Bico da Ponte, e propor estratégias para a preservação da área. A metodologia adotada baseou-se no Planejamento Ambiental Rápido (RAP), fundamentado em discussões teóricas sobre questões ambientais e socioambientais. Para isso, foram utilizadas ferramentas acessíveis, como sistemas de geoprocessamento, que permitiram a realização de diagnósticos ambientais participativos. Essa metodologia refletiu o interesse coletivo em preservar o patrimônio local e promover estratégias de conservação alinhadas às necessidades da comunidade. O zoneamento ambiental abrangeu aspectos ambientais, sociais e culturais do Bico da Ponte, destacando iniciativas comunitárias como o turismo de base comunitária, a produção de cerâmica artesanal e o reflorestamento com espécies nativas. Além disso, abordou o impacto de ações já desenvolvidas pela comunidade como o monitoramento de sítios arqueológicos e a criação de um meliponário educativo. Como resultado do planejamento ambiental, propôs-se a transformação da área do Bico da Ponte em um Ecomuseu, visando ampliar a proteção e a valorização do patrimônio local. Os resultados evidenciam que métodos que propõem integração entre academia e comunidade, nas práticas de ensino, podem ser eficazes quanto para o aprendizado da análise e planejamento ambiental no âmbito da Geografia.

**Palavras-chave:** Zoneamento Ambiental, Ecomuseu, José Mendes, Planejamento Ambiental, Ensino de Geografia.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, [eduardademos@gmail.com](mailto:eduardademos@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora, professora do Curso de Graduação em Geografia, Departamento de Geociências, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, [m.h.lenzi@ufsc.br](mailto:m.h.lenzi@ufsc.br).

<sup>3</sup> Doutor, professor do Curso de Graduação em Geografia, Departamento de Geociências, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, [orlando.ferretti@ufsc.br](mailto:orlando.ferretti@ufsc.br);



Este trabalho apresenta relato de uma prática de ensino que integra estudos acadêmicos ao meio e à comunidade. A prática foi desenvolvida na disciplina de Análise Ambiental II, do curso de Geografia, na Universidade Federal de Santa Catarina, no segundo semestre de 2024.

O objetivo foi realizar levantamento de dados e informações sobre o meio no bairro José Mendes, e mais especificamente do Bico da Ponte, e propor formas de preservação do meio. A metodologia foi baseada no Planejamento Ambiental Rápido (RAP), fundamentada em discussões teóricas sobre ambiente e questões socioambientais. A abordagem foi a de integrar a comunidade local no processo de pesquisa sobre o planejamento e proteção da área.

Esse trabalho teve início com uma demanda de parte da comunidade do José Mendes que, por meio de dois representantes, fez contato com um dos docentes da disciplina, solicitando que fosse feito um zoneamento da área para fins de preservação. Essa área vem sendo ocupada pela comunidade há mais de 20 anos, com o objetivo de preservação ambiental e cultural, por meio da educação ambiental, patrimonial, por ações de turismo de base comunitária e fortalecimento de tradicionais locais, como a cerâmica e a pesca artesanal.

## **METODOLOGIA**

Para dar conta do objetivo da prática de ensino proposta pelos docentes, utilizou-se a metodologia baseada no Planejamento Ambiental Rápido, com aplicação do modelo Pressão-Estado-Resposta (PER). Esta perspectiva metodológica está fundamentada em discussões teóricas sobre ambiente e questões socioambientais e propor formas de preservação do meio, integrando a comunidade local no processo de pesquisa sobre o planejamento e proteção da área. Por meio desta metodologia, pretende-se a preparação de dados secundários, a realização de visitas de campo e a sistematização das informações coletadas (Vasconcelos; Schult, 2020)

Para a coleta e construção dos dados, foram utilizadas ferramentas acessíveis, como sistemas de geoprocessamento, trabalho de campo e entrevistas, visando elaborar diagnósticos ambientais participativos que refletissem o interesse coletivo em preservar o patrimônio local e promover estratégias de conservação que atendam às necessidades da comunidade.



A primeira parte do trabalho foi realizada em sala de aula, por meio de aulas expositivas, seminários e entrega de fichamento com fins de debater questões contemporâneas do debate ambiental na Geografia brasileira, de acordo com Mendonça (2009), Monteiro (1999) e Souza (2019). Num segundo momento, os líderes comunitários que haviam feito o primeiro contato, participaram de uma das aulas para apresentar um histórico do bairro José Mendes e da ocupação comunitária do Bico da Ponte, com a apresentação da primeira edição do caderno do bairro, que seria posteriormente atualizada por um grupo da disciplina. Após esses dois momentos introdutórios, realizou-se a primeira saída de campo, na qual os estudantes, acompanhados de docentes e de líderes comunitários, puderam conhecer o Bico da Ponte e seu entorno próximo e dar início, em campo, à organização das propostas de planejamento da área de acordo com a metodologia de Planejamento Ambiental Rápido.

Após o primeiro campo, iniciaram-se as análises de imagens de satélite, debates sobre as propostas de zoneamento de uso e ocupação do solo e organização dos grupos de zoneamento ambiental considerando as etapas de Pressão-Estado-Resposta (PER).

O zoneamento abrangeu não só o contexto ambiental, mas também os contextos demográfico, social e cultural do Bico da Ponte, destacando a organização e mapeamento dos dados populacionais extraídos do Censo do IBGE, das iniciativas comunitárias como o turismo de base comunitária, a produção de cerâmica artesanal tradicional e o reflorestamento com espécies nativas. Também abordou-se o impacto de ações como o monitoramento de sítios arqueológicos e a criação de um meliponário educativo, recentemente implantado.

Todos os grupos voltaram a campo e mantiveram contato com os líderes comunitários para buscar mais informações e chegar a uma proposta final em acordo com as demandas comunitárias e debates realizados em sala.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Entender como a realidade é um processo de ensino poderoso, parte das ideias de Celestian Freinet (1896/1966), educador francês, um dos expoentes da Escola Nova que propunha aulas ar livre, onde o olhar perscruta os elementos da paisagem, e as caminhadas levavam a problemáticas e dessas ao pensamento e a estruturação dos conceitos (Imbernón, 2012).



Essa realidade, quando espacializada, pode ser pensada como meio, este é o espaço geográfico produzido pela relação entre o ser humano e a natureza. Nas últimas décadas do século passado, surge a ideia de que a compreensão e problematização do meio é importante proposta de ensino e aprendizagem (Pontuschka, 1994).

Pontuschka é uma pesquisadora que ampliou o conhecimento sobre o método Estudo do Meio, que busca entender a realidade do lugar e da compreensão dos elementos da paisagem, a partir das relações socioespaciais. A autora estendeu a proposta para pensar a cidade, e os interstícios desta, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que propõe o ensino como ferramenta primordial. Parte das problemáticas do meio onde as inquietações quanto ao ato de ensinar e a partir da conclusão que a educação pode desenvolver um estudante pesquisador. A ideia é entender o ensino como prática de pesquisa. Como possibilidade na construção de um outro projeto formativo calcado na formação da cidadania. (Pontuschka, 1994).

O estudo do meio é resultado de uma educação emancipatória, capaz de despertar olhares críticos e reflexivos, possibilitando intervenções em seus meios e não somente reprodutores de um determinado conhecimento (Ferretti, 2019). No processo do método, a compreensão parte da sensibilidade dos estudantes frente as questões socioambientais da cidade ou do campo, onde podem contribuir e proporcionar minimamente uma mudança pela educação. A ideia é que o(s) docente(s) permitam o conhecimento do outro, possibilitando o entendimento da realidade pela integração de diversos olhares buscando a aproximação do real. Entender que o espaço não é neutro e sempre produzido por grupos sociais, onde a realidade do aluno, da comunidade para falar/ouvir/ver/descrever o espaço (os problemas da comunidade, bairro, da cidade etc... Sem perder o entendimento do mundo. Ou seja, partir do lugar ao mundo (Pontuschka *et al.*, 2009; Lopes e Pontuschka, 2009).

A Estudo do Meio viabiliza uma abordagem interdisciplinar a partir da observação e análise da realidade. É integradora, capaz de desencadear e dinamizar um processo coletivo. Tem por objetivo conhecer a realidade para transformar, os estudantes são ativos na construção do conhecimento, através da pesquisa (Ferretti, 2019).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O bairro José Mendes, onde se encontra a área de estudo, está localizado na porção centro-oeste da Ilha de Santa Catarina, voltado para o continente, e faz parte do Distrito Sede

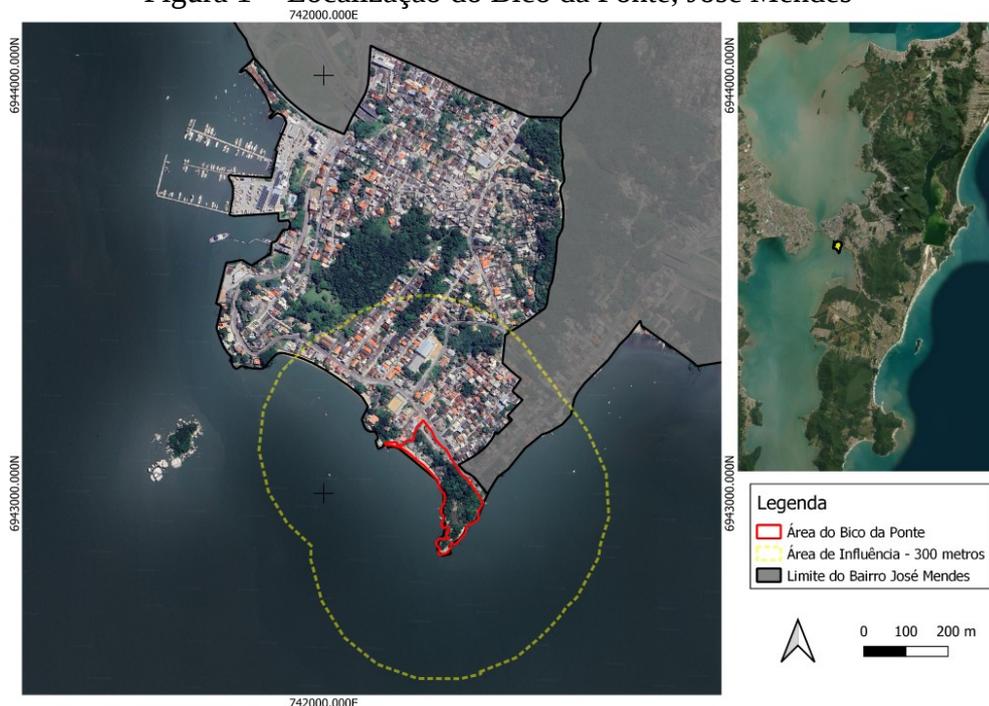


de Florianópolis. O Bico da Ponta, ou Bico da Ponte, está incluído no maciço rochoso do Morro da Cruz, onde estão assentados grande parte dos bairros e comunidades da região

central de Florianópolis, incluindo o José Mendes e o Morro da Queimada. Esse maciço é formado predominantemente por granito, uma rocha muito resistente e presente em quase toda Florianópolis, que possui entre 600 e 585 milhões de anos de idade (Corrêa, 2016 apud Tomazzoli, 2018). O bairro é caracterizado por uma paisagem que combina áreas de ocupação urbana com espaços naturais e culturais de importância.

A região do Bico da Ponte (figura 1) , em particular, corresponde à extremidade do Maciço do Morro da Cruz, onde o maciço do Morro da Cruz “mergulha” no mar, já que, atualmente, é o único ponto desse corpo rochoso cristalino que tem contato com as águas da Baía Sul. Além das áreas verdes de lazer, o local abriga patrimônios arqueológicos, como o Sítio Conchífero da Ponta dos Limões (sambaqui), na Praia do Curtume, e práticas culturais e comunitárias, como a cerâmica.

Figura 1 - Localização do Bico da Ponte, José Mendes



**Fonte:** Elaborado por estudantes envolvidos no projeto da disciplina Análise Ambiental II - grupo Pressões (2024).



A área apresenta uma vegetação secundária em recuperação, composta por uma diversidade significativa de espécies nativas e exóticas. Sua importância ecológica se deve à conexão com a Baía Sul e à proximidade de áreas verdes urbanas, como o Parque Natural

Municipal do Morro da Cruz, atuando como um corredor trampolim (stepping stone) para a fauna local.

Inserido em um bioma da Mata Atlântica, caracterizado por uma diversidade de formações vegetais associadas às distintas condições ambientais da área. Na zona de praia, observa-se a presença de indivíduos de vegetação de mangue, enquanto a área do sambaqui abriga espécies típicas da restinga. Já no costão rochoso, desenvolvem-se espécies rupestres, incluindo cactáceas e bromeliáceas, refletindo a heterogeneidade ecológica do local. Este cenário é complementado pelos esforços de reflorestamento, que vêm sendo realizados para restaurar áreas de vegetação nativa e preservar os serviços ecossistêmicos.

Sabendo da importância ecológica e cultural desse fragmento, iniciativas comunitárias têm desempenhado um papel fundamental na sua preservação e valorização da cultura local. O Coletivo Tekoá é uma iniciativa comunitária no bairro José Mendes, em Florianópolis, dedicada à preservação ambiental e cultural do Bico da Ponte. Atuando há mais de 20 anos, pela preservação cultural e ambiental do bairro, o projeto promove educação patrimonial, turismo de base comunitária e o fortalecimento das tradições locais, como a cerâmica artesanal e a pesca artesanal. Além disso, realiza ações de reflorestamento, monitoramento de sítios arqueológicos e manutenção de trilhas. O coletivo Tekoá discute a respeito do espaço como um todo, promovendo sobretudo o turismo de base comunitária, que faz muito sentido para o lugar, pois segundo Irving (2009, p.111) “o turismo de base comunitária tende a ser aquele tipo de turismo que, em tese, favorece a coesão, o laço social e o sentido coletivo de vida em sociedade, e que por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento”. Dentro do coletivo há a divisão em dois braços: Tekoá Pirá e Tekoá Taguá. Este primeiro está relacionado com as trilhas na área e o cuidado com as abelhas, já o segundo promove projetos voltados à cerâmica.

Um dos principais destaques do coletivo Tekoá Pirá é o Meliponário Educativo Tekoá, que abriga e protege quatro comunidades de abelhas sem ferrão: Jataí (*Tetragonisca*



*angustula*), Bugia (*Melipona rufiventris*), Mirim-Guaçu (*Plebeia remota*) e Uruçu nordestina (*Melipona scutellaris*). Essas abelhas desempenham um papel essencial na polinização das plantas nativas da Mata Atlântica, contribuindo para a regeneração dos ecossistemas locais, como a floresta ombrófila densa, o manguezal e a restinga. Além da importância ecológica, as colmeias foram projetadas com referências à arquitetura açoriana do bairro (Figura 2), promovendo o vínculo entre cultura e meio ambiente.



Figura 2: Meliponário educativo

**Fonte:** registro de campo da disciplina de Análise Ambiental II (2024).

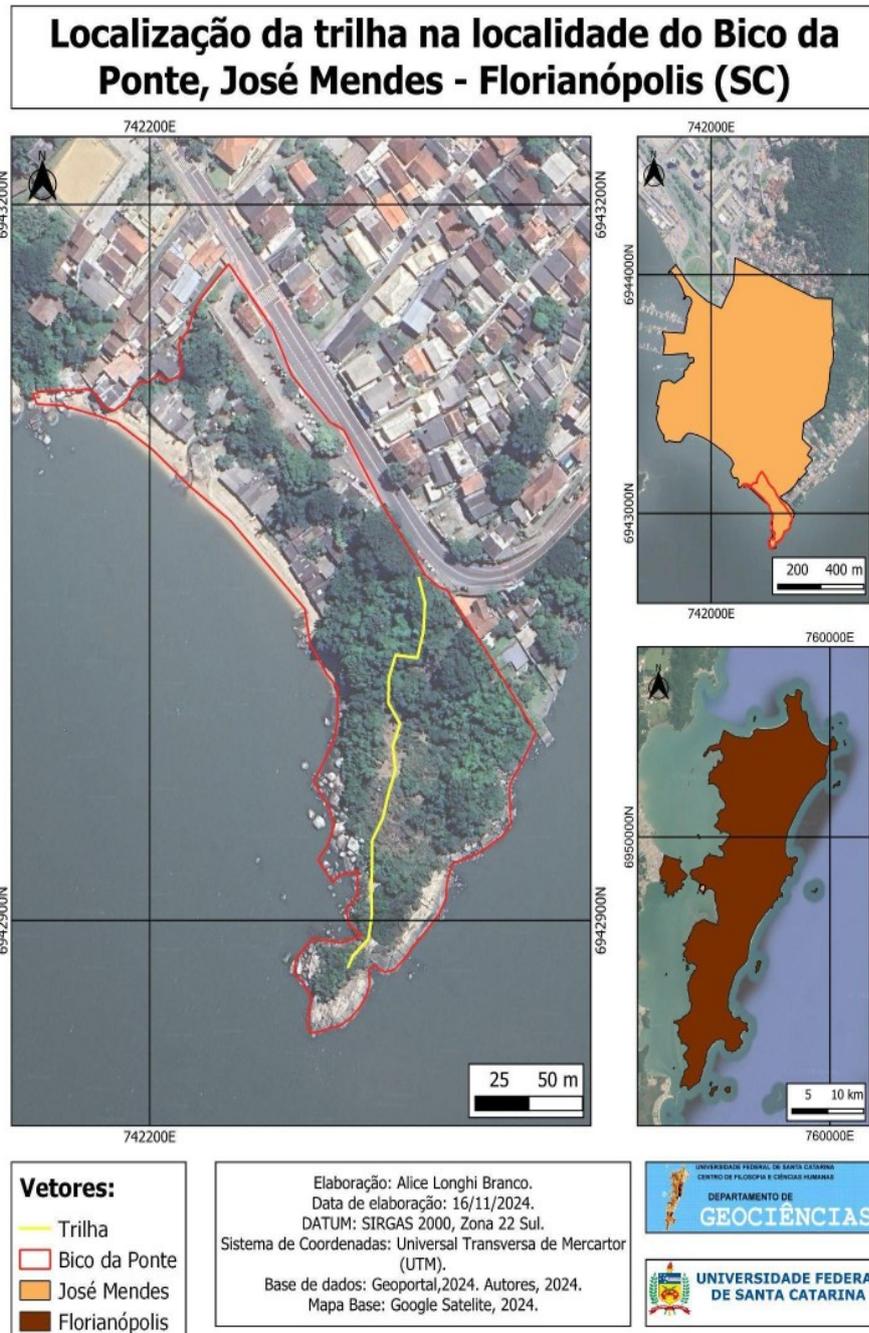
O projeto conta com o apoio de instituições como EPAGRI, IFSC - Continente, FLORAM e a ONG Moradia Cidadania da Caixa, além dos pescadores locais, reforçando sua atuação colaborativa na conservação da biodiversidade e no fortalecimento da identidade cultural da região.

O coletivo também está à frente do percurso da trilha que atravessa a localidade do Bico da Ponte (Figura 3), conectando diferentes paisagens e ecossistemas ao longo do trajeto. A trilha tem início na Rua José Maria da Luz, passando pelo forno de queima de cerâmica e pelo espaço onde ocorrem as oficinas ceramistas. Seguindo adiante, alcança-se o meliponário



de abelhas nativas, área que desempenha um papel fundamental na polinização da vegetação local.

Figura 3. Localização da trilha no Bico da Ponte



**Fonte:** Elaborado por estudantes envolvidos no projeto da disciplina Análise Ambiental II - grupo Estado (2024).



A partir desse ponto, o caminho adentra um trecho coberto por dossel arbóreo, proporcionando sombra e abrigo para diversas espécies da fauna e flora. À medida que a trilha avança, a vegetação se torna mais aberta, revelando paisagens expostas e permitindo uma visão panorâmica da Baía Sul. O percurso continua sobre superfícies rochosas, onde plantas

rupestres, como cactáceas e bromeliáceas, se adaptam às condições de solo raso e alta insolação. Próximo ao final do trajeto, a trilha alcança o mirante, um ponto estratégico para a contemplação da paisagem costeira.

O trecho final da trilha desce em direção ao costão rochoso, estendendo-se até o mar. No entanto, é importante destacar que parte do trajeto atravessa a área de um Sambaqui, o que impõe desafios à conservação desse patrimônio arqueológico. O pisoteamento contínuo compacta o solo, desestruturando camadas arqueológicas e dificultando sua preservação. Além disso, a remoção da vegetação de restinga que protege os sambaquis agrava a erosão e expõe os vestígios históricos a danos irreversíveis. O uso frequente da trilha também contribui para o acúmulo de resíduos, impactando tanto o patrimônio arqueológico quanto a biodiversidade local. Portanto, há a necessidade de definição de apenas uma trilha no entorno do Sambaqui.

A trilha do Bico da Ponte, além de conectar distintos ambientes naturais, está inserida em um território de significativa relevância cultural e histórica. Entre os elementos que compõem esse patrimônio, destaca-se a tradição ceramista, que se mantém ativa na região e desempenha um papel central na identidade local.

Conforme a lei que institui o Plano Diretor de Florianópolis nº 482 (2014) e a Lei Complementar nº 793 (2023), que altera dispositivos deste plano, a área do Bico da Ponte está inserida em uma Área Verde de Lazer (AVL) que desempenha um papel estratégico no equilíbrio entre urbanização e preservação ambiental, especialmente em regiões sensíveis como o entorno do Maciço do Morro da Cruz. No entanto, a sua importância vai além do reconhecimento ambiental. A proteção do Bico da Ponte exige estratégias que transcendam a simples designação como AVL, uma vez que essa categoria não estabelece diretrizes claras para a preservação do patrimônio natural, arqueológico e cultural presente no local. A ausência de uma regulamentação específica para a conservação desse território demanda a



construção de alternativas integradas, que articulem os aspectos ambientais, culturais e sociais. Nesse sentido, a proposta de zoneamento elaborada pelos estudantes da disciplina de Análise Ambiental II, com o auxílio dos professores, aponta para o Ecomuseu como uma iniciativa viável e necessária para fortalecer a preservação do Bico da Ponte.

Conforme Scheiner (2012, p.24) “o termo ‘ecomuseu’ passou a ser sinônimo de um tipo muito especial de museu comunitário, fundamentado na musealização de um território e na relação entre este território, o meio ambiente integral (entendido como patrimônio) e as comunidades que ali conviveram e/ou convivem” ecomuseus representam um modelo que integra o patrimônio cultural e ambiental ao território e à vida cotidiana da comunidade. Essa abordagem participativa permite que a conservação não se limite a espaços fechados e coleções isoladas, mas se expanda para o próprio ambiente em que os moradores vivem, valorizando sua história, seus saberes e suas práticas. No caso do Bico da Ponte, essa perspectiva se mostra uma alternativa ideal, pois reforça a conexão entre a população local e os elementos naturais e culturais da região, promovendo o sentimento de pertencimento e estimulando ações de preservação de maneira contínua e integrada.

A proposta de zoneamento desenvolvida no âmbito da disciplina considerou as características ambientais e socioculturais da área, buscando definir usos compatíveis com sua preservação. Entre as diretrizes sugeridas, destaca-se a criação do Ecomuseu como estratégia para estruturar ações educativas, culturais e ambientais, alinhadas aos princípios da musealização do território, da gestão comunitária e da conexão entre seres humanos e natureza. A implementação desse modelo possibilitaria o desenvolvimento de inventários do patrimônio local, a realização de atividades educativas e culturais e a promoção do turismo sustentável, fortalecendo a identidade local e garantindo que a proteção do Bico da Ponte ocorra de forma participativa e sustentável.

Além disso, a proposta do Ecomuseu dialoga diretamente com a produção da segunda edição do caderno do Bico da Ponte, uma das atividades desenvolvidas na disciplina, que foi elaborado baseado na primeira edição, lançada em 2002. A proposta foi elaborada em diálogo com um grupo de moradores, refletindo o interesse coletivo em preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental do lugar através da transmissão de saberes sobre o local. O caderno tem como objetivo a difusão de informações acessíveis sobre a relevância do Bico da Ponte, promovendo a conscientização da comunidade e incentivando sua participação ativa na preservação do território. Ao disseminar conhecimentos sobre a biodiversidade, a história e as



práticas culturais da região, essa iniciativa busca suprir a falta de diretrizes institucionais mais específicas para a proteção da área, ao mesmo tempo em que fortalece o envolvimento popular na construção de estratégias de conservação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação do método Pressão-Estado-Resposta foi de grande utilidade para pensar o zoneamento do Bico da Ponte, no bairro José Mendes, em Florianópolis, de forma crítica e integrada, considerando a diversidade de fauna, flora e a necessidade de preservação dos cursos d'água. Ao adotar uma abordagem sistêmica, o método permitiu compreender as pressões antrópicas sobre o meio, o estado atual de conservação dos ecossistemas locais e as possíveis respostas que podem ser implementadas para mitigar impactos e promover a recuperação ambiental.

Dessa forma, a experiência conduzida na disciplina de Análise Ambiental II demonstra a relevância da educação ambiental como ferramenta de preservação e gestão territorial. A proposta de zoneamento e a criação de um Ecomuseu no Bico da Ponte representam alternativas concretas para superar as limitações da atual classificação como AVL, oferecendo um modelo mais integrado e participativo de conservação. Ao unir conhecimento acadêmico e saberes locais, essa abordagem não apenas contribui para a valorização do patrimônio natural e cultural da região, mas também fortalece a autonomia da comunidade na gestão de seu próprio território, promovendo um desenvolvimento sustentável alinhado às suas necessidades e potencialidades.

De acordo com avaliação dos estudantes, esta metodologia se mostrou valiosa para identificar áreas prioritárias para preservação, uso sustentável e recuperação, pois baseia-se em dados objetivos e participativos. A preservação dos corpos hídricos, por exemplo, é crucial para o equilíbrio ambiental e a qualidade de vida da população local, enquanto a conservação das áreas vegetadas promove a proteção da fauna e previne a degradação do solo. Assim, o modelo Pressão-Estado-Resposta ofereceu um caminho claro e estruturado para o zoneamento ambiental, permitindo uma análise crítica dos desafios e das potencialidades da área, com foco na sustentabilidade e no uso responsável dos recursos naturais.



## REFERÊNCIAS

FERRETTI, O. E. A cidade como espaço educador: por uma prática pedagógica espacial com estudantes de pedagogia. **Educ. Real.** [online]. 2019, vol.44, n.2.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Complementar nº 482, de 17 de janeiro de 2014.** Institui o Plano Diretor do Município de Florianópolis. Diário Oficial do Município, Florianópolis, 17 jan. 2014.

FLORIANÓPOLIS. **Lei Complementar nº 793, de 4 de maio de 2023.** Altera dispositivos da Lei Complementar nº 482/2014. Diário Oficial do Município, Florianópolis, 4 maio 2023.

IMBERNÓN, F. **Pedagogia Freinet: a atualidade das invariantes pedagógicas.** Porto Alegre: Penso Editora, 2012.

Irving, M. A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível? In: BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009.

MENDONÇA, F. Geografia, Geografia Física e Meio Ambiente: Uma reflexão a partir da problemática socioambiental urbana. **Revista da ANPEGE**, v. 5, 2009, pp. 123-134. Disponível em: [file:///C:/Users/Dell/Downloads/MENDO%20C3%87A\\_Geografia\\_geografia\\_fisica\\_e\\_meio\\_ambiente.pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/MENDO%20C3%87A_Geografia_geografia_fisica_e_meio_ambiente.pdf). Acesso em 05 ago 2024.

MONTEIRO, C. A. F. **A questão ambiental na Geografia do Brasil: A propósito da "validade", "espacialização" e "pesquisa universitária".** Cadernos Geográficos. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1999, v. 23. Disponível em: <https://cadernosgeograficos.paginas.ufsc.br/files/2016/02/Cadernos-Geogr%C3%A1ficos-UFSC-N%C2%BA-05-A-Quest%C3%A3o-Ambiental-na-Geografia-do-Brasil-.Maio-de-2003.pdf>. Acesso em 03 ago. 2024

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H.. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 7, p. 15-30, 2012.

SOUZA, M. L. de. O que é a geografia ambiental? **Ambientes**, v. 1, no 1, 2019, pp. 14-37.

TOMAZZOLI, Edison Ramos; PELLERIN, Joel Robert Georges Marcel; HORN FILHO, Norberto Olmiro. **Geologia da Ilha de Santa Catarina, Santa Catarina, Brasil.** Departamento de Geociências - Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://lmo.ufsc.br/mapa-geologico-da-ilha-de-santa-catarina/>

VASCONCELOS, V. V.; SCHULT, S. I. M. Metodologia de planejamento ambiental rápido: desenvolvendo estratégias para a educação de planejadores. Versão em português do artigo: Vasconcelos, V. V.; Momm, S. Rapid environmental planning methodology: developing strategies for the planners' education. **Journal of Education for Sustainable Development** 14:2 (2020): 271-296.





# IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

**IV PIBID SUL** | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
**II RP SUL** | Seminário do Programa de Residência Pedagógica  
**II ANFOPE SUL** | Seminário da Associação Nacional pelo Formação de Professores

